

O Matemático

Matemática

Enviado por: skura@seed.pr.gov.br

Postado em:21/05/2010

Colunista de Portugal escreve sobre Grigoriy Perelman e seu desprezimento do mundo material. Perelman teria recusado diversos prêmios em dinheiro que conquistou por suas contribuições ao avanço da Matemática.

Por: José Manuel dos Santos Encontrei-a no Chiado e apresentou-me o marido. Ele olhou, mas não me viu, embora no seu rosto sorrisse uma simpatia vaga. Havia entre os seus olhos e o mundo o muro da sua distração. Despedimo-nos - e lá seguiram os dois. Ela prendia-o pelo braço, como se assim impedisse que ele começasse a voar. Soube depois que esse homem de ar ausente era professor e matemático. Dizia-se o seu nome e logo alguém acrescentava louvores a uma inteligência que se exercia num dos domínios mais complexos da matemática. E contavam-se histórias da sua desatenção e do seu desatino. Dizia-se que todos os dias perdia a carteira e a chave de casa. Dizia-se que fazia apenas metade da barba, esquecendo-se de fazer o resto - e era exacto, porque várias vezes assim o vi. Dizia-se que usava um sapato preto num pé e um castanho no outro - e também os meus olhos testemunharam a verdade disso. A mulher era cantora de ópera. Cantava com uma fúria tão feroz e um fogo tão forte que se esquecia de afinar. Mas insistia, persistia, resistia. Cantava para amigos e amigos de amigos. Cantava até para inimigos. Quando estava, fosse em casa própria ou alheia, ouvia-se o seu canto. Certa vez, alguém que a escutava atirou uma palavra brusca: "Esganiçada!" Mas a dona da voz achava-a sublime ("Tal como eu, também a Callas é muito criticada!", dizia). Um dia, fui a casa deles. Na sala, ela ensaiava com um pianista. Repetia as árias que cantaria à noite, numa festa. No escritório, ele fazia cálculos em papéis que se espalhavam sobre a secretária, que desaparecera. Entrei e acenei-lhe. Ela retribuiu-me o aceno e, enquanto cantava uma ária da "Tosca", apontou na direcção do marido, levando depois o dedo à cabeça, a significar: "É maluco!" Fui cumprimentá-lo, e ele, sem largar a caneta, tocou com o dedo sujo de tinta na testa, indicando, a seguir, a sala donde vinham os trinos da mulher, como quem diz: "Está doida!" Mas eram um para o outro como o numerador e o denominador de uma fracção. Conhecido de perto, o professor era encantador. Se o conseguíamos fazer descer à terra, conversava com graça e sabedoria. Gostou de mim e tornou-me indispensável. Encontrava-me e parecia uma criança a falar do que lhe interessava. Quem nos viu dizia que também eu não lhe ficava atrás no regresso à infância. Numa tarde chuvosa, morreu subitamente, e a viúva passou a gritar a sua dor nos sítios onde aceitavam ouvi-la. Escolhia as árias mais trágicas - e a voz subia-lhe a alturas ainda mais elevadas, por caminhos ainda mais íngremes. Lembrei-me deste distraído professor e da sua mulher soprano ao saber que foi dado ao matemático russo Grigoriy Perelman o Prémio Milénio do Instituto de Matemática Clay, destinado aos eleitos que resolvam qualquer dos sete transcendentos problemas que estão em aberto, ditos "as sete maravilhas da matemática". Foi o que o russo fez ao demonstrar a complexa Conjectura de Poincaré, enunciada pelo matemático francês, em 1904, na área da topologia, que trata das formas tridimensionais e das propriedades estruturais dos objectos. Perelman não aceitou a Medalha Fields, o Nobel da Matemática, que lhe foi atribuída há quatro anos, e agora recusou o Prémio Milénio e o seu milhão de dólares. Explicou que não precisa nem de dinheiro nem de fama. Este duplo desdém por aquilo que toda a gente procura reforçar-lhe a fama de "génio doido". Quando os

jornalistas lhe telefonaram, enfureceu-se e disse para não o incomodarem, pois estava a colher cogumelos. Perelman vive, com a mãe idosa, num apartamento de um modesto bairro de São Petersburgo. Distraído e excêntrico, faz aquilo que ninguém faz (solucionar problemas quase impossíveis) e não faz aquilo que toda a gente faz (tomar banho, pentear-se, cortar as unhas, dizer banalidades, ser convencional e conformista). As fotografias mostram-no barbudo, hirsuto, desgrenhado, selvagem. Parece um pope ortodoxo; ou um homeless. Mas vê-se-lhe nos olhos uma inteligência rara e bondosa. Toca violino, joga ténis, tem uma cabana na floresta, é pouco quotidiano e totalmente desinteressado dos bens materiais. Um instinto certo desvia-o do injusto, do falso e do inútil. Este J.D. Salinger da matemática defende a sua privacidade com unhas e dentes. Quer o tempo para o que gosta e não gosta de o perder. Distrai-se do que não lhe interessa para não se distrair do que lhe interessa. No centro do Inverno russo, na velha casa de São Petersburgo, insensível ao frio que vem do Báltico e num silêncio atravessado pelas rezas maternas aos ícones iluminados pela lamparina vacilante, vejo Grigoriy Perelman fazendo os seus cálculos e, com uma inteligência que persegue Deus, conceber a forma do Universo. Neste tempo pequeno, que mais avalia o que menos vale, encontro alegria em saber que ainda há gente fiel a uma grandeza, exata como um teorema, feita de números que não servem apenas para contar dinheiro ou medir riqueza. Texto publicado na edição do Actual de 15 de Maio de 2010 Este conteúdo foi acessado em 21/05/2010 do sítio Expresso. Todas as modificações posteriores são de responsabilidade do autor original da matéria.